



Sob os ditames da memória: insílio e regresso impossível em *Antes de nascer o mundo*

Adriana Gonçalves¹

Universidade do Estado de Minas Gerais, Rua Paraná, 3001, 35501-170, Jardim Belvedere, Divinópolis, Minas Gerais, Brasil. E-mail: adriana.goncalves@uemg.br

RESUMO. No romance *Antes de nascer o mundo*, de Mia Couto, o personagem Silvestre Vitalício realiza um autoinsílio (Can, 2020) motivado por um profundo desejo de esquecimento. Assolado pelo sentimento de culpa diante do suicídio de sua esposa, a busca pelo esquecimento, além de intentar um apagamento da memória traumática, impõe aos seus filhos um deslocamento forçado para o interior do país, onde ergue uma pátria imaginada, Jesusalém. Nesse sentido, o romance enseja diversas discussões acerca do deslocamento exercido em busca deste esquecimento e dos meandros impostos por Vitalício para anular o passado de seu imaginário e das crianças. Entretanto, como postula Jeanne Marie Gagnebin (2009), existe uma retroalimentação entre os processos do lembrar e do esquecer, de forma que, apesar do intuito do pai, esta anulação completa não será alcançada. Mas, se nutrir uma vida sem recordações no insílio era utopia, com a necessidade do regresso à antiga casa, a memória atuará de formas distintas a esses personagens, tendo como ponto comum a dificuldade de permanência e (re)inserção neste espaço. Dado o exposto, interessa-nos investigar o deslocamento de isolamento e as razões pelas quais o regresso surge impossibilitado para os personagens da narrativa. De modo mais específico, procuramos entender ainda como se costura metaforicamente o drama deste núcleo familiar com o drama da nação moçambicana frente ao conflito civil, sobretudo pela perspectiva do regresso de memórias propositalmente silenciadas.

Palavras-chave: deslocamento; literatura moçambicana; esquecimento.

Under the dictations of memory: insilium and impossible return in *Jesusalém*

ABSTRACT. In the novel *Jesusalém*, by Mia Couto, character Silvestre Vitalício undertakes a self-insile (Can, 2020) motivated by a deep desire to forget. Assailed by feelings of guilt over his wife's suicide, the search for oblivion, in addition to attempting to erase the traumatic memory, he imposes on his children a forced displacement to the inland, where he builds an imagined homeland, Jesusalém. In this sense, the novel gives rise to several discussions about the displacement conducted in search of this oblivion and the intricacies imposed by Vitalício to nullify the past from his and his children's imagination. However, as Jeanne Marie Gagnebin (2009) postulates, there is feedback between the processes of remembering and forgetting, so that, despite the father's intention, this complete annulment will not be achieved. But, if nurturing a life without memories in isolation was utopic, the need to return to the old home will make memory act in diverse ways on these characters, with the common point being the difficulty of staying and (re)inserting themselves in this space. Given the above, we are interested in investigating the displacement of isolation and the reasons why returning appears impossible for the characters in the narrative. More specifically, we also seek to understand how the drama of this family nucleus is metaphorically stitched together with the drama of the Mozambican nation in face of the civil conflict, especially from the perspective of the returning of purposefully silenced memories.

Keywords: displacement; Mozambican literature; forgetfulness.

Received on January 17, 2024.

Accepted on April 12, 2024.

Introdução

A temática dos deslocamentos é recorrente na literatura moçambicana e na obra do escritor Mia Couto. Trânsitos e vivências surgem muitas vezes imbricados a questionamentos relacionados ao constante 'topos' da identidade nacional, tensionando temporalidades entre a tradição, o passado colonial e o pós-colonial. O

¹ Bolsista de Produtividade em Pesquisa (Pq/UEMG).

romance sobre o qual nos debruçaremos, *Jesusalém* - publicado no Brasil como *Antes de nascer o mundo* (2009) – é, em muitas medidas, um romance que fricciona fronteiras e temporalidades.

O início da trama apresenta uma família de deslocados que se refugia ao interior de Moçambique por decisão de seu patriarca. Compõem o grupo: o pai, Silvestre Vitalício; seus filhos, Ntunzi e Mwanito; além de Zacaria Kalash, um policial militar que carrega os traumas de guerra e o tio Aproximado, este último o único elo do grupo com uma sociedade da qual se tornaram alheios.

Condicionado pela culpa carregada por Silvestre Vitalício acerca do suicídio de sua esposa, Dordalma, o núcleo de personagens realiza um deslocamento ao revés do restante da população, que migrava para a capital em decorrência dos conflitos da guerra no interior do país. Neste contrafluxo, Silvestre Vitalício institui uma nova pátria em uma coutada, uma pátria imaginária, utópica, única sobrevivente do fim do mundo: “O mundo acabou, meus filhos. Apenas resta Jesusalém” (Couto, 2009, p. 21).

Deslocamento voluntário para o pai, o trânsito de saída de Maputo será exercido pelos seus filhos, Ntunzi e Mwanito, sob contingências que os eximem de escolha. Situado nos enleios da guerra no pós-independência de Moçambique, o romance tensiona a história deste núcleo familiar com a própria história do país, culminando, ao final da obra, com o regresso do grupo à capital.

No presente artigo, buscaremos situar o duplo deslocamento efetuado no romance coutiano - o movimento de isolamento e o de regresso - focalizando certa impossibilidade de plena consolidação deste último pelos personagens da trama. De forma mais específica, buscaremos compreender como se costura metaforicamente o drama do regresso deste núcleo familiar com o drama da nação moçambicana frente aos conflitos do pós-independência, sobretudo pela perspectiva de memórias propositadamente silenciadas.

Em consonância com a proposição de Nazir Can em *O campo literário moçambicano: tradução do espaço e formas de insílio* (2020), parece-nos possível a percepção no romance coutiano aqui analisado de uma significativa articulação dos espaços na trama, conjecturando junto a essa constatação o caráter salutar da dinâmica dos deslocamentos, ou seja, do insílio e de sua ruptura. A partir de tal dado, e da observância dos dois movimentos da narrativa, tomamos como hipótese a presença nesta equação de uma estreita e conflituosa relação destes deslocamentos com o âmbito da memória do círculo familiar, alegorizando em alguma medida as relações entre passado e presente da nação moçambicana.

Nesse sentido, visando a compreensão deste duplo deslocamento, situaremos na primeira seção as interrelações entre a opção pelo insílio do personagem e a busca pelo esquecimento. Na segunda seção, observaremos as contingências do regresso à Maputo e suas impossibilidades de permanência e efetivação a partir da irrupção de memórias tensionadoras do passado-presente.

O insílio como busca de esquecimento

Não se pode esquecer tudo tanto tempo. Não existe viagem assim tão longa [...] (Couto, 2009, p. 160).

A trama narrativa de *Antes de nascer o mundo* situa-se, desde o princípio, em um espaço físico carregado de uma identidade simbolicamente construída. Narrado por Mwanito, o filho mais novo, o romance enovela o leitor neste primeiro capítulo no desejo de alienação nutrido por Silvestre Vitalício, refugiado em uma coutada, espaço que o personagem ressignifica como uma nova nação, batizada de Jesusalém.²

O refúgio no interior do país e o isolamento ansiados pelo patriarca promovem, junto ao desejo de esquecimento de seu passado individual, um alheamento ao tempo presente. Sob a alegação de que seriam os únicos sobreviventes do fim do mundo, o personagem rejeita interações sociais e qualquer notícia, a despeito dos demais espaços habitados, referenciando-os sempre como um extinto ‘lado de lá’.

Silvestre Vitalício não apenas elege o espaço geográfico para este alheamento, como realiza um cerimonial de batismo da nova pátria e de desbatismos dos personagens.³ Todos os personagens são renomeados, sendo Mwanito o único a permanecer com o mesmo nome, sob a explicação de que “[...] este ainda estava nascendo” (Couto, 2009, p. 38). Nas palavras de Mwanito, o rito responde a um evidente processo de desvinculação: “Quando nos mudámos para Jesusalém, meu pai nos conferiu outros nomes. Rebaptizados, nós tínhamos outro nascimento. E ficávamos mais isentos do passado [...]” (Couto, 2009, p. 37).

Perceptível se torna, portanto, que há, nesta cerimônia de rebatismos, uma outra camada de deslocamentos ou descentramentos, que se incute no viés identitário. Lembremos as considerações de Peter

² É inescapável a associação do nome a uma variação de Jerusalém, capital de Israel, cidade sagrada para o universo religioso de pelo menos três religiões: islamismo, cristianismo e judaísmo. A referência é corroborada no texto com a afirmação: “[...] a terra onde Jesus haveria de se descreucificar” (Couto, 2009, p. 11).

³ Os nomes próprios dos personagens que serão utilizados neste artigo serão os adotados em Jesusalém.

Burke, em *Perdas e ganhos* (2017), acerca da costumeira perda da antiga identidade individual do deslocado no novo espaço, assinalada pela mudança de nomes, sintomática da atribuição de novas identidades e de rompimento com o passado: processo símile ao realizado pela própria nação moçambicana, ao rebatizar sua capital como manifestação ideológica de um projeto de reconstrução, outrora Lourenço Marques no período colonial, agora Maputo.

Ao situarmos o isolamento de Silvestre Vitalício, recorremos a Nazir Can e a proposição de que a “[...] dialética do deslocamento e do confinamento” se coloca como estruturadora do “campo literário moçambicano” (Can, 2020, p. 26). Isto porque os escritores “[...] relacionam a ideia de desterro simbólico e físico ao distanciamento do pensamento ideológico dominante” (Can, 2020, p. 32). Assim, o insílio, ou seja, o exílio interno, presente em *Antes de nascer o mundo*, mais do que um deslocamento geográfico, enseja no plano diegético (pelo personagem) e no extradiegético (pelo projeto literário do escritor) um desejo de distanciamento. Em outros termos, o desejo de não-identificação com o presente de Moçambique, cujo projeto de nação independente não se realiza como o esperado no pós-75.

É emblemático que todo o campo semântico da trama seja passível de ser um espelhamento de Moçambique pós-independência: a instituição de uma nova pátria, Jerusalém; as alterações de nomes dos personagens; a instituição de (novas) convenções, após décadas de opressão colonial; a referência ao regime democrático que busca instaurar-se; o tensionamento de forças naquele presente da nação moçambicana, perfeitamente amalgamado no personagem-presidente que se descreve como vitalício, entre outros exemplos possíveis.

A partir de agora, não há cá ‘pai’ nem meio ‘pai’. A partir de hoje, eu sou a Autoridade. Ou melhor, sou o presidente. [...]

– Jerusalém é uma jovem nação independente e eu sou o presidente. Sou o presidente nacional. [...]

– Aliás, como o meu nome já diz, sou o presidente Vitalício (Couto, 2009, p. 189-190, grifo do autor).

Silvestre Vitalício, o pai/pátria que se autoproclama presidente da nação, estabelecerá em Jerusalém suas próprias convenções. Nesse sentido, o deslocamento, realizado na narrativa em contrafluxo à movimentação que ocorria para a capital, parece esbater o desejo de esquecimento de um passado recente dos moçambicanos como também o de não aderência ao presente da nação: “– Escutou o que lhe disse? Que morreu o presidente?– Já tinha morrido antes” (Couto, 2009, p. 76).

Embora não haja datação, é possível inferir o tempo do que é enunciado na narrativa a partir da menção ao acidente do primeiro presidente moçambicano, Samora Machel, em 1986. Neste momento da trama, Mwanito possui onze anos, sendo emblemática a percepção de seu nascimento junto à nação independente, 1975. Não ao acaso também, o narrador é levado para viver em Jerusalém aos três anos de idade, 1978, ano em que Machel ocupa a presidência pelo Partido Frelimo: “Assim que minha mãe morreu, tinha eu três anos, meu pai pegou em mim e no meu irmão mais velho e abandonou a cidade” (Couto, 2009, p. 19).

As convenções estabelecidas no plano ficcional dialogam diretamente com a problemática da necessidade de inscrição da nação moçambicana e a dificuldade em driblar certa ranhura europeia. Em ‘A Fronteira da Cultura’, de *Pensatempos* (2005), Mia Couto assinala que “[...] o passado foi mal embalado e chega-nos deformado, carregado de mitos e preconceitos. O presente vem vestido de roupa emprestada. E o futuro foi encomendado por interesses que nos são alheios” (Couto, 2005, p. 10).

Dentre os acordos e proibições convencionados por Silvestre Vitalício em Jerusalém, chama atenção as interdições à memória: é proibido lembrar, sonhar, falar sobre Maputo, sobre a mãe, escrever, contar os dias ou até mesmo cantar. Qualquer exercício que estimule um vínculo com esse passado que se deseja obliterar, é interdito.

– Vou dizer uma coisa, nunca mais vou repetir: vocês não podem lembrar nem sonhar nada, meus filhos. [...]

– É tudo mentira. O que vocês sonham fui eu que criei nas vossas cabeças. Entendem? [...]

– E o que vocês lembram sou eu que acendo nas vossas cabeças (Couto, 2009, p. 17).

O desejo de esquecer estabelecido por Silvestre Vitalício está marcado desde a epígrafe de Hesse, em *Viagem pelo Oriente*, utilizada no romance: “Toda a história do mundo não é mais que um livro de imagens refletindo o mais violento e mais cego dos desejos humanos: o desejo de esquecer” (Couto, 2009, s/p.). Contudo, uma resposta possível a essa idealização encontra-se no trecho do romance utilizado como nossa epígrafe a esta seção, que esboça a impossibilidade de concretude deste intuito, pois “Não se pode esquecer tudo tanto tempo. Não existe viagem assim tão longa [...]” (Couto, 2009, p. 133).

Jeanne Marie Gagnebin, em *Lembrar escrever esquecer* (2009), salienta que os percursos da memória estão pautados em um paradoxo, em uma retroalimentação difícil de determinar: a busca da manutenção da memória carrega em si uma parcela de esquecimento. Na própria seleção, na escrita, no arquivamento, uma faceta de luto e esquecimento está incutida. Em mesma medida, em *História e narração em Walter Benjamin* (1999) é possível percebermos a partir de suas reflexões acerca da indissociação entre os processos que esquecer o passado não poderá ser uma tarefa realizada com êxito: “[...] tecido do lembrar [...] o que transparece, o que também volta à superfície da narrativa são os ornamentos do olvido” (Gagnebin, 1999, p. 71).

A irrupção das memórias torna-se uma ameaça ao universo de efabulação de Silvestre Vitalício. A busca ilusória de controlar suas próprias recordações e, sobretudo, as dos filhos, insere o personagem em uma posição autoritária. As memórias refratadas no território de Jerusalém são reveladoras das também refratadas no ‘lado de lá’, ou seja, em Moçambique. Existe um rompimento consciente de Silvestre Vitalício com a casa, com Maputo e com a pátria.

Paradoxalmente, a família do romance habita uma espécie de ‘fora’, ainda que permaneça em solo nacional. O isolamento voluntário exercido pelo pai e imposto aos filhos não diz respeito apenas ao afastamento no espaço, mas recai sobre uma relação com a temporalidade: “Para Silvestre o passado era uma doença e as lembranças um castigo. Ele queria morar no esquecimento. Ele queria viver longe da culpa.” (Couto, 2009, p. 13).

A culpa pela morte da esposa, que assola o personagem⁴ e o motiva ao insílio, pode ser extrapolada à frustração aos caminhos políticos tomados pela nação. A Frente de Libertação de Moçambique (Frelimo), primeiro partido nacional, que possuía como lema acabar com as culturas tribais para a unificação nacional, termina por assolar as múltiplas identidades nacionais em prol do projeto utópico de uma só memória, um só discurso. Outro escritor moçambicano, Ungulani Ba Ka Khosa, em ‘Memórias perdidas, identidades sem cidadania’, sintetiza este processo nos seguintes termos:

Com a independência esperava-se, enfim, que as várias identidades ganhassem cidadania e contribuíssem, na sua diversidade, para a construção do tecido identitário moçambicano. Mas tal não aconteceu [...]. Perdemos, na euforia da libertação, a oportunidade de libertar a memória e de traçar, com inteira liberdade, o nosso destino cultural (Khosa, 2015, p. 129-130).

O desejo de promover uma cultura homogênea adia a inscrição da identidade nacional e promove violências e apagamentos, de forma distinta da empreitada colonial, mas ainda lesiva. Maria Paula Meneses (2015), em ‘Xiconhoca, o inimigo: narrativas de violência sobre a construção da nação em Moçambique’, esgarça o tecido desta anulação das diversas identidades ao argumentar que qualquer marcador de diferença que não fosse entre colonizados e colonizadores poderia ser interpretado como formas de ameaça, pois não atendia aos parâmetros de unificação. A busca por afirmar-se como nação independente com uma identidade coesa gera uma autorregulamentação da população e, por conseguinte, uma atmosfera de censura e desconfiança na cidade:

Destruir ou atrofiar memórias que estão na base de processos identitários pode redundar na liquidação do passado, das histórias que unem as pessoas e que as fazem ser quem são. As memórias coletivas, e as particulares, insistem em desafiar o pacto de silêncio existente, numa combinação de auto-censura e esquecimento formal pelo Estado. Em simultâneo, a(s) memória(s) e as suas expressões simbólicas (tangíveis ou não) refletem os debates políticos pelo poder, assim como críticas ao próprio poder (Meneses, 2015, pp. 12-13).

Importa lembrarmos que o narrador do romance é denominado pelo pai “[...] afinador de silêncios [...]” (Couto, 2009, p. 14), sendo possível estabelecer um paralelo entre as proibições do genitor e os silêncios recorrentes na narrativa como ecos deste processo vivenciado em Moçambique. Nesse sentido, a atitude de alienação promovida pelo personagem na vida de seus filhos dialoga com o silêncio portador de alienações vivenciado por toda uma nação após conceber a guerra de libertação e deparar-se, durante o conflito civil pelo poder, com um espaço que ainda não é capaz de trazer a liberdade almejada. O silêncio em Jerusalém pode ser visto como metafórico daquele que ecoava no espaço nacional, do qual o microcosmo daquela coutada faz parte, embora rejeite. Segundo Victor Igreja (2008), em ‘*Memories as weapons: the politics of peace and silence in post-civil war*’, existe um silêncio oficial e institucionalizado em Moçambique que divide opiniões: ora é interpretado como desrespeitoso às memórias das vítimas, ora considerado como

⁴ Apenas no último capítulo é-nos revelado os acontecimentos que delimitam esta busca de Silvestre Vitalício pelo esquecimento: o suicídio de Dordalma decorrente sobremaneira de estruturas machistas de racionalização que imputam o vilipêndio ao corpo feminino e a culpabilização da vítima, estruturas das quais Silvestre Vitalício foi repetidor: “Em casa, Dordalma nunca era mais do que cinza, apagada e fria. Os anos de solidão e descrença a habilitaram a ser ninguém, simples indígena do silêncio” (Couto, 2009, p. 257).

instrumento pragmático para se alcançar a paz. Entretanto, o silêncio como zona de conforto também é pernicioso aos envolvidos em seu manto diáfano, funcionando como uma cortina de fumaça ocultadora de conflitos iminentes.

No romance, há uma rede de silêncios tecida que, ao mesmo tempo que conforta, desafia Silvestre Vitalício. Nas palavras poéticas de Mwanito “[...] não há um único silêncio. E todo o silêncio é música em estado de gravidez” (Couto, 2009, p. 13). A dualidade se impõe: É com o silêncio que busca afastar a si e aos demais ao seu redor das memórias e é no silêncio que deixa transbordar em sua mente as recordações, culpas e sentimentos de um tempo remoto.

O passado, conforme Gagnebin (2009, p. 185), “[...] insiste em perdurar de maneira não reconciliada no presente, sob a forma de dor e tormento. Um passado que não passa”. Podemos eleger na narrativa alguns momentos em que o conflito vivenciado por Silvestre pode ser perceptível, alguns momentos em que as memórias o assolam e fogem ao seu controle.

Nesses dias de tempestade [...] no rumor das folhagens, Silvestre escutava motores, comboios, cidades em movimento. Tudo o que tanto queria esquecer lhe era trazido pelo assobiar das rajadas entre os ramos (Couto, 2009, p. 30).

Alijados da capital em decorrência da fuga do pai à culpa pela morte da esposa, Jesusalém torna-se um espaço-tempo em suspensão. Não é gratuito que será também uma mulher a responsável por ruir a ordem desta nova pátria. Na segunda parte do romance, ‘A visita’, as interdições e o silenciamento vivenciados no insílio serão abalados pela chegada de Marta: “[...] a presença da portuguesa, só por si, era uma insuportável intrusão. Uma única pessoa – ainda por cima uma mulher – desmoronava a inteira nação de Jesusalém” (Couto, 2009, p. 128). Sendo mulher e portuguesa, Marta enseja uma série de embates ao mesmo tempo: é a estrangeira em muitas medidas.

Marta irá infringir as leis de Jesusalém por meio da escrita, do canto, da imaginação, expondo os filhos de Silvestre Vitalício a essas experiências. Ela será a primeira pessoa que Mwanito ouvirá cantar. A visita de Marta suspende a pátria de Jesusalém e ensaia uma paulatina e simbólica reinserção do núcleo de personagens na pátria moçambicana. Como reversão do insílio vivenciado por Silvestre Vitalício, as ações de Marta incorrem sobremaneira em gestos de memória e de ruptura com o silêncio. Nazir Can, a partir das contribuições de Chango Illánéz, afirma que:

[...] o indivíduo que opta pelo *insílio* é aquele que está sem estar completamente na própria pátria. Esta se lhe apresenta distante, do ponto de vista do ‘destino’. Por isso, um dos traços do insílio é o silêncio. [...] Enquanto expressão de uma identidade vulnerável, o insílio é uma memória reprimida, a cultura de uma consciência em perda (Can, 2020, p. 36, grifo do autor).

O silêncio é, portanto, a sutura da narrativa de Mia Couto: ele surge na casa com Dordalma; entrelaça os códigos de conduta de Jesusalém e irrompe ao final do romance, novamente, na casa. Em última instância, o isolamento desejado por Silvestre Vitalício ao realizar seu deslocamento se dá em vias da memória. O insílio se apresenta como espaço de busca de esquecimento de uma relação traumática familiar que, como vimos, ensaia metaforicamente o drama da própria identidade nacional.

O regresso e sua parcela de impossibilidade

A minha única nação tinha sido essa que ficara longe, na casa onde eu nascera. E a bandeira dessa nação era cega, surda e muda (Couto, 2009, p. 204).

A terceira parte do romance, ‘Revelações e regressos’, desfaz repentinamente toda a tessitura do espaço insilar a partir da necessidade do rechaçado retorno a Maputo. Apesar da ruptura ser iniciada pela visita de Marta, não houve preparação, convencimento ou condescendência de Silvestre Vitalício para que a viagem de regresso acontecesse. Tudo ocorre na matéria narrativa de forma inesperada: durante o velório da jumenta Jezibela, o personagem é acometido por uma picada de cobra, sendo necessário buscar auxílio médico na cidade.

A descrição é envolta em uma atmosfera onírica, em que o personagem parece partilhar um pesadelo com Mwanito, deixando o leitor no limiar entre o devaneio e a realidade. A comprovação será dada ao leitor a partir do personagem Tio Aproximado, que constata a inércia do corpo adormecido e visualiza o fio de sangue a correr pelo braço. Assim, de modo emergencial, o núcleo de personagens realiza o movimento de retorno à capital.

Durante a viagem há uma impossibilidade de recuperação do espaço remanescente na memória de alguns personagens. Um destes momentos é a constatação da inexistência dos limites demarcatórios entre o rural e o urbano, sendo a mudança da realidade outrora conhecida corroborada pelo vaticínio fúnebre do pai:

- E quando chegamos, Zaca?
- Já chegámos há muito.
- Chegámos à cidade?
- A cidade é isto.

Chegámos sem que se percebesse onde terminara o mundo rural. Não havia fronteira clara. Apenas uma transição de intensidade, um caos que se adensou: nada mais do que isso. Na cabine, em abano fúnebre de cabeça, o pai ladainhava:

- Tudo morto, tudo morto (Couto, 2009, p. 181).

Ba Ka Khosa lança entendimento desta referência perdida no regresso a partir de uma anedota acerca da atividade de reassentamento desenvolvida pela brigada do Alto Comissariado para os Refugiados das Nações Unidas. No relato, “[...] o espaço de preservação da memória destas populações havia-se eclipsado com a guerra” (Khosa, 2015, p. 127), levando a uma busca por mais de catorze horas aos referentes perdidos, “[...] a árvore, o cemitério, o bosque” (Khosa, 2015, p. 127). Não havia sobrevivido qualquer marco para reconhecimento da população, apenas a natureza em estado indomesticado.

Desde o princípio da viagem, portanto, é perceptível que, embora o deslocamento geográfico de regresso esteja sendo realizado, haverá uma parcela de desajuste, de não-identificação e de desconhecimento do novo espaço. De maneiras distintas, parece haver algo impeditivo de concretude neste movimento, denotador daquela “[...] fratura incurável [...]” (Said, 2003, p. 46) estabelecida por Edward Said em *Reflexões sobre o exílio*. O tempo vivenciado no insílio parece estabelecer uma ruptura impossível de ser desfeita.

A começar pelo narrador Mwanito, não há regresso possível. Ele, que praticamente nasce longe das convenções da cidade, não a reconhece neste retorno, nem ela, nem a casa. Por se mudar aos três anos, não possui memória sobre o espaço geográfico-cultural, o que lhe servia como vantagem sobre seu irmão: menos memória, menos sofrimento. “Para mim soava estranho. Todos, naquele grupo, estavam de regresso. Eu não. A casa onde eu nascera nunca fora minha. O único lar que tivera foram as ruínas de Jerusalém” (Couto, 2009, p. 220). Mwanito é emigrante de um lugar que desconhece, sem nome, sem rosto, sem hino.

Ao contrário, ao filho mais velho de Dordalma, Ntunzi, o passado o assola a todo o momento durante o insílio. Há nomes, imagens, rostos, que continuam a habitá-lo pois, conforme argumenta Said (2003), ocorre uma simultaneidade de espaços e tempos na mente daqueles que experimentam o afastamento do espaço natal. No regresso, entretanto, este passado configurar-se-á como impossibilitador, não sendo permitida a permanência do personagem em Maputo depois da revelação de que Zacaria Kalash é seu pai biológico. Por essa razão, Ntunzi retorna com o militar para Jerusalém: “Ntunzi e Zacaria se encaminharam porta fora e eu fiquei olhando meu irmão se afastar como se a estrada fosse o seu inelutável destino” (Couto, 2009, p. 196-197).

Também não haverá regresso para Zacaria Kalash uma vez que, estando sempre na luta errada, não constrói sua identidade na pátria, necessitando de Jerusalém como única esperança de liberdade. Por ser um colonizado que optou por lutar ao lado do colonizador, não pode ocupar nenhum outro espaço que não seja o do insílio. Na cidade, corria riscos pois, incentivada pelo governo, a população estava punindo aqueles que eram vistos como inimigos internos, traidores da pátria, aqueles que foram influenciados pelo colonialismo e contra os quais havia uma divulgação massiva da Frelimo, os xiconhocas:

A figura do Xiconhoca, criado pelo Departamento de Informação e Propaganda da Frelimo, simbolizava o arquétipo do moçambicano imoral e corrupto. Esta figura, que rapidamente se popularizou, representava ‘todos estes males deixados pelo colonialismo e que o povo moçambicano está a combater’ (Meneses, 2015, p. 31, grifo do autor).

Por sua vez, Silvestre Vitalício, embora seja, ao lado de Mwanito, o único a permanecer fisicamente na casa, encontrará outra forma de rechaçar o regresso. Ele, que esperava fazer de Jerusalém sua derradeira morada, tornar-se vitalício do campo, apartando-se da cidade, a ela forçosamente retorna. Aquela casa em que habitara com a esposa, a culpa, o medo, em tudo isto não havia possibilidade de vida restante:

Não haveria regresso. Naquele momento, percebi: Silvestre Vitalício acabara de perder todo o contacto com o mundo. Antes, já quase não falava. Agora, deixara de ver as pessoas. Apenas sombras. E nunca mais falou. Meu velho estava cego para si mesmo. Nem no seu corpo, agora, ele tinha casa (Couto, 2009, p. 272).

Para Nazir Can (2020), o insílio nos romances de Mia Couto estaria atrelado a uma perspectiva paradoxal de refúgio e de castigo. Em *Antes de nascer o mundo* essa perspectiva não apenas não se ausenta, como

parece estruturadora da trama narrativa: Jerusalém é porto de fuga da culpa, mas também uma busca de redenção. Uma busca de dissolver o martírio de Dordalma com a suspensão temporal, “[...] a terra onde Jesus haveria de se descruificar” (Couto, 2009, p. 11).

Ironicamente, o personagem incorpora em Maputo as interdições impostas aos filhos em Jerusalém, a partir de uma repentina mudez. Vitalício não se reestabelece da convalescença, opta por recolher-se dentro de si e habitar silêncios, buscando uma outra forma de não-inserção no tempo presente, um novo e dialético insílio, refúgio-castigo, em seu ensimesmamento. O alheamento, duplamente escolhido pelo personagem, em Jerusalém e em Maputo, apresentado na diegese, parece espelhar a dificuldade de inscrição nacional outrora aludida. Sua mudez, em seu turno, estabelece na incomunicabilidade um contradiscurso à narrativa corrente, contestação presente no projeto literário coutiano, em que transparece a crença de (re)encontrar nas marcas da oralidade a tradição, os ecos ancestrais.

Como vimos, no plano literário moçambicano o insílio corresponde ao desejo de uma não inserção, que observaremos manter-se no regresso ficcionalizado no romance, sobretudo ao idealizador do isolamento. A cidade, Maputo, que fora abandonada após a morte da esposa, atua como o local do trauma, além de um salutar marcador da recusa à inserção no presente da nação: “A capital emerge como um empecilho (ou um contratempo) que acentua a solidão (ou o desterro) do herói inadaptado ao seu tempo (em situação, portanto, de destempo)” (Can, 2020, p. 83).

Esta impossibilidade de um regresso que se efetive para os personagens constata que o insílio, assim como o exílio, realiza a fratura que ultrapassa a materialidade geográfica, incutindo-se na cisão do amálgama espaço-tempo: “[...] as realizações do exílio são permanentemente minadas pela perda de algo deixado para trás para sempre” (Said, 2003, p. 46). E será esta a fratura inconciliável para o núcleo de personagens.

Na narrativa coutiana é a personagem Marta quem irá buscar recompor um pouco desta fratura, ao recuperar a história de Dordalma para apresentá-la à Mwanito, exercendo um papel de resgate problemático no romance, mediado por este outro, pelas mãos da estrangeira. Ana Mafalda Leite (2003) em *Literaturas africanas e formulações pós-coloniais* irá situar como importante tarefa criativa e crítica pós-colonial o questionamento do discurso europeu. Não há como deixarmos de perceber que há, nesta relação de devolução de uma memória perdida por aquela que não faz parte da cultura do país, ou do núcleo familiar, uma possível crítica à recomposição da história de Moçambique por vias externas. Mía Couto, em *Pensatempos*, vaticina que “[...] a dominação colonial inventou grande parte do passado e da tradição africana” (Couto, 2005, p. 62).

Em muitas medidas o romance parece relacionar a busca frustrada de incorporação de uma nova identidade pela família de Silvestre Vitalício à busca de inscrição de toda uma nação no pós-independência: “Na verdade, não nasci em Jerusalém. Sou, digamos, emigrante de um outro lugar sem nome, sem geografia, sem história” (Couto, 2009, p. 19). A nação vive a frustração de um projeto, assim como Silvestre se frustra com a potencialidade de promover uma realidade paralela.

- Cante!
- Mas pai, cantar o quê?
- Pois cante o hino nacional!
- Desculpe pai, mas...hino de que nação? (Couto, 2009, p. 204).

Se o insílio é calcado na obliteração da memória, no regresso, será a irrupção desta a principal causa da impossibilidade de permanência. Assim, o isolamento e os meandros da memória apontam aos impeditivos da reinserção dos personagens naquele presente de Maputo:

[...] o espaço idealizado é, antes de mais, um tempo, situado no passado, de difícil identificação em uma época concreta. Exatamente por expressar um sentimento de perda, o desejo de evasão é sempre acompanhado por uma relação problemática com o presente (Can, 2020, p. 40).

O presente é inquerido pelas memórias de um passado recente, assim como ocorre com os últimos anos da nação. A alguns, como a Ntunzi e Kalash, a possibilidade se torna retomar o trânsito e partir novamente; para outros, como Vitalício, uma mudez pouco convincente, calcada no silenciamento como forma de sobrevivência. Apenas a quem está chegando, como Mwanito, é facultada uma inserção e vivência da/na cidade, embora esteja esta sintomaticamente amputada pelo cuidado ao pai/pátria.

O espaço almejado como destino no plano diegético seria aquele em que não existisse a realidade concreta dos traumas familiares, enquanto no plano extradieético ele nos aponta para uma impossibilidade

de regresso à identidade nacional anterior ao acometimento colonial, uma vez que “[...] a contradição do presente desloca o olhar de personagens e narradores a um passado quase imaculado” (Can, 2020, p. 61), constatação existente na discussão de um projeto de país que se tornou utópico e pouco tangível.

Considerações finais

O insílio ambientado no enredo coutiano efetiva-se como destino, pela idealização de Silvestre Vitalício da realização de um recomeço e de uma fratura com seu passado. A busca de Silvestre Vitalício torna-se ideológica em muitas medidas, instituindo Jerusalém como uma nova pátria dentro de Moçambique. Nesse sentido, a partir da discussão acerca do insílio no campo literário moçambicano efetuada por Nazir Can, é-nos perceptível que a microestrutura familiar funciona como uma metonímia da macroestrutura nacional, sendo a busca de afastamento uma resistência aos caminhos trilhados na política nacional. A recriação de uma nova realidade-pátria promove uma ruptura que ultrapassa o deslocamento geográfico para inserir-se em uma suspensão temporal ao presente da sociedade moçambicana ao viverem uma espécie de morte em vida.

Em mesma medida que o insílio, o regresso permanece dialogando com essa recusa à inserção do núcleo familiar neste tempo presente. Se a impossibilidade de regresso se afigura pragmaticamente no narrador pela ausência de memória de Maputo, aos demais personagens será justamente o passado que atuará como impossibilitador de uma plena reinserção e permanência. O regresso não efetiva, na economia da obra, um acerto de contas com a cidade, antes ele mantém-se inconcluso. Desta forma, a impossibilidade do regresso realocaliza o presente de todos como estrangeiros, na experiência do “[...] insílio como [um] estranhamento vivido no próprio país” (Can, 2020, p. 31).

Referências

- Burke, P. (2017). *Perdas e ganhos*. Editora Unesp.
- Can, N. A. (2020). *O campo literário moçambicano: tradução do espaço e formas de insílio*. Kapulana.
- Couto, M. (2005). *Pensatempos: textos de opinião*. Caminho.
- Couto, M. (2009). *Antes de nascer o mundo*. Companhia das Letras.
- Gagnebin, J. M. (1999). *História e narração em Walter Benjamin*. Perspectiva.
- Gagnebin, J. M. (2009). *Lembrar escrever esquecer*. Editora 34.
- Igreja, V. (2008). Memories as Weapons: the politics of peace and silence in post-civil war. *Mozambique Journal of Southern African Studies*, 34(3), 1-20. <https://doi.org/10.1080/03057070802259720>
- Khosa, U. B. K. (2015). Memórias perdidas, identidades sem cidadania. *Revista Crítica de Ciências Sociais*, 106(1), 127-132. <https://doi.org/10.4000/rccs.5911>
- Leite, A. M. (2003). *Literaturas africanas e formulações pós-coloniais*. Colibri.
- Meneses, M. P. (2015). Xiconhoca, o inimigo: narrativas de violência sobre a construção da nação em Moçambique. *Revista Crítica de Ciências Sociais*, 106(1), 9-52. <https://doi.org/10.4000/rccs.5869>
- Said, E. (2003). *Reflexões sobre o exílio e outros ensaios*. Companhia das Letras.